

Document Citation

Title	Tenda dos milagres
Author(s)	Jorge Amado
Source	<i>Embrafilme</i>
Date	
Type	program
Language	Portuguese
Pagination	
No. of Pages	12
Subjects	Santos, Nélson Pereira dos (1928), Sao Paolo, Brazil
Film Subjects	Tenda dos milagres (Tent of miracles), Santos, Nélson Pereira dos, 1977

TENDA DOS MILAGRES



The Tent of Miracles

O FILME DE

4/13/77

NELSON PEREIRA DOS SANTOS

DO ROMANCE DE

JORGE AMADO

Brazil





**“Nelson fez
o que devia
ser feito”**

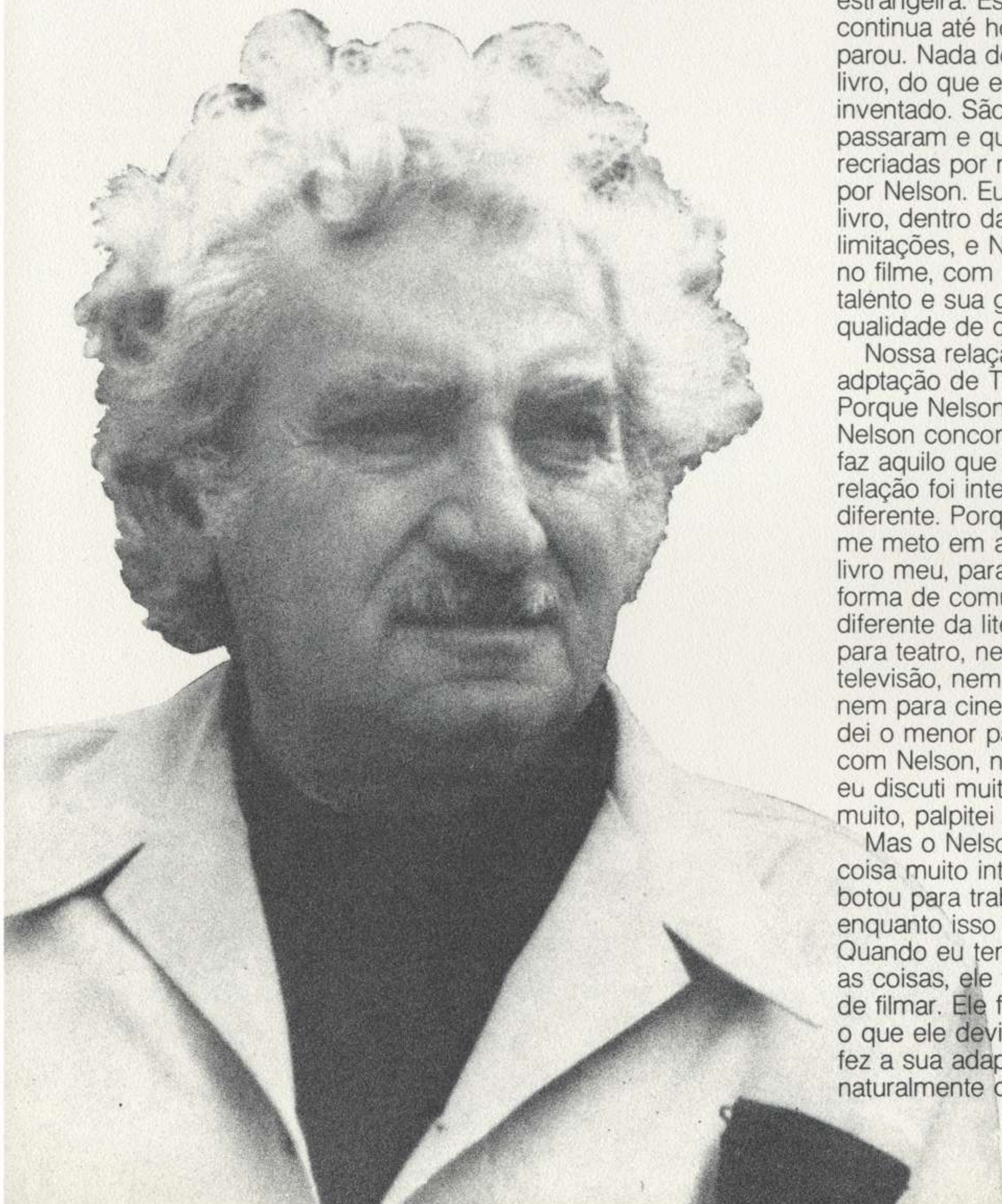
Tenda dos Milagres é um livro que para mim tem uma enorme importância. Porque eu creio que nele se discute o problema do povo brasileiro, o problema da cultura brasileira e da originalidade do brasileiro. Quando eu era muito jovem, em 1935 escrevi um livro em que a minha preocupação já era a mesma. O livro se chamava Jubiabá e o problema era colocado apenas por um jovem de 23, cuja experiência humana, literária e política era ainda muito limitada. 25 anos depois escrevi Tenda dos Milagres,

onde eu já era um homem maduro, com bastante mais experiência, sob todos os aspectos.

O filme Tenda dos Milagres é fiel ao livro, no que é fundamental. Aquilo que o livro tenta expressar a cada um dos leitores, o filme do Nelson tenta levar a cada um dos espectadores, ou seja, uma visão de como o povo brasileiro soube lutar contra os preconceitos, contra uma falsa ciência, contra tudo o que significava a negação de uma condição humana e de uma condição brasileira, tudo o que significava fazer de nossa face uma face estrangeira. Esta luta que continua até hoje, que não parou. Nada do que está no livro, do que está no filme é inventado. São coisas que se passaram e que foram recriadas por mim e depois por Nelson. Eu recriei no livro, dentro das minhas limitações, e Nelson recriou no filme, com seu imenso talento e sua grande qualidade de cineasta.

Nossa relação durante a adaptação de Tenda foi ótima. Porque Nelson não briga. Nelson concorda e depois faz aquilo que ele quer. A relação foi inteiramente diferente. Porque eu nunca me meto em adaptação de livro meu, para nenhuma forma de comunicação diferente da literatura. Nem para teatro, nem para televisão, nem para rádio, nem para cinema, eu nunca dei o menor palpite. Mas com Nelson, não. Com ele eu discuti muito, conversei muito, palpiti muito.

Mas o Nelson fez uma coisa muito inteligente: me botou para trabalhar e enquanto isso ele foi filmar. Quando eu terminei de fazer as coisas, ele tinha acabado de filmar. Ele fez exatamente o que ele devia ter feito — fez a sua adaptação. Ele, naturalmente conversou



muito comigo, discutiu muito comigo. Eu disse tudo o que pensava e como pensava, e ele fez exatamente o que achou que devia fazer.

Sequer me passou pela cabeça a idéia de querer levar Nelson a modificar sua maneira de trabalhar, de fazer isso ou aquilo no filme que é dele, da mesma maneira que Nelson, se eu fosse escrever um livro, não iria me impor seus pontos de vista no romance que eu fosse escrever.

Conheço o Nelson há muito tempo. Quando ele fez o Rio 40 Graus eu já o conhecia. Depois estive muito misturado com a vida



dele. Temos uma ligação muito profunda, vital, da maneira de pensar, de ver e sentir as coisas. Somos

amigos de muitos anos. Uma amizade que se construiu na base de um trabalho e de uma luta que fizemos juntos. Creio que acompanhei muito de perto a carreira de cineasta de Nelson, sobretudo quando ele era um cineasta jovem e desconhecido, quando ainda não era o grande mestre do cinema brasileiro.

O filme Tenda dos Milagres é uma obra de Nelson, pensado, criado e concebido por ele. Mas não deixa de ser meu. Afinal, no sangue de Nelson que corre ali dentro, há um pouco do meu sangue.

Jorge Amado





Sinopse

*"Isto sois, minha Bahia,
isto passa em vosso
burgo."*

Gregório de Matos

Na Bahia do início do século, Pedro Archanjo Ojuobá (olhos de Xangô), mulato, capoeirista, tocador de violão, bom de cachaça e pai de muitas crianças feitas com as mais lindas negras, mulatas e brancas, tomou a peito a defesa da raça dos ancestrais africanos.

Bedel da Faculdade de Medicina, Pedro Archanjo contestou sempre as idéias racistas dos catedráticos, detentores do poder cultural, através da mesma arma que

aprendeu a manejar por si só: o conhecimento. Durante anos e anos, com um lápis e uma caderneta na mão, Archanjo percorreu as ladeiras de Salvador recolhendo o conhecimento secular dos negros africanos. Pacientemente, montou o material de pesquisa para os seus livros, impressos na precária tipografia de seu amigo Lídio Corró, na Tenda dos Milagres, lugar frequentado por artistas populares, artesãos, capoeiristas, filhos de candomblé, todos eles marginalizados pela sociedade da época. Da memória dos mais velhos, Mestre Archanjo documentou a cultura da terra de origem, registrou costumes e língua e defendeu a crença religiosa. Nesse trabalho, o bedel descobriu que seu mais terrível perseguidor, o catedrático Nilo Argolo de Araújo, tinha ascendência negra, que procurava esconder e da qual se envergonhava. Archanjo revelou o fato e pagou com a sua expulsão da Faculdade. Preso e, mais tarde, pobre e velho, foi morrer no "castelo" das mulheres da vida, que lhe deram casa e comida nos seus últimos dias.

1976 — Bahia novamente — A chegada de um americano, o renomado professor James D. Linvingston, prêmio Nobel, personalidade mundialmente reconhecida, agitou o interesse nacional. Jornais, tvs, agências de publicidade, intelectuais e estudantes, colunistas sociais, todos queriam saber a razão da presença de tão ilustre figura na cidade de Salvador: "Vim conhecer a terra onde viveu Pedro Archanjo, um dos maiores cientistas sociais do mundo". Quem? Correria





geral: arquivos de jornais, bibliotecas, historiadores, era necessário conseguir alguém ou alguma coisa que desse uma pista. “Como é mesmo que se escreve o nome desse tal de Pedro Archanjo”?

Sempre atenta, a máquina publicitária do establishment não perde oportunidade e fatura Pedro Archanjo: o mulato contestador, que se opôs ao poder e às teorias racistas de sua época, é esvaziado e vira “herói”. É mais uma data cívica para a Bahia comemorar. O centenário de Pedro Archanjo — “orgulho da nacionalidade” — é ótimo prato para intermináveis oradores barrocos e se revela um bom investimento.

Mas a verdade está a caminho. Ana Mercedes, namorada do jornalista Fausto Pena, envolve o cientista americano e consegue o dinheiro para que seu companheiro faça o levantamento da vida real e da obra do herói do povo. Fausto Pena parte para o Rio de Janeiro e numa sala de moviola começa a trabalhar no copião de seu filme: abre-se a Tenda dos Milagres.





A Tenda na Bahia

I - Na Tenda dos Milagres ficava a reitoria da universidade do povo. Lá estava mestre Lídio Corró riscando milagres, movendo sombras mágicas, cavando tosca gravura na madeira; lá se encontrava Pedro Archanjo, o reitor, quem sabe? Curvados sobre velhos tipos gastos e caprichosa impressora, na oficina arcaica e paupérrima, os dois imprimiam os livros que divulgavam a sabedoria popular, a verdade do candomblé, o viver baiano.

II - Ali bem perto, no Terreiro de Jesus, erguia-se



a Faculdade de Medicina e nela se ensinava a curar doenças, a cuidar de enfermos. Além de outras matérias: da retórica ao



"O Brasil tem duas grandezas reais: a uberdade do solo e o talento do mestiço."

Manuel Querino



soneto e suspeitas teorias,
usadas para justificar as
perseguições policiais às
religiões negras na Bahia e
no Brasil.

III - "Mestre Archanjo
foi dizer
Que mulato sabe ler
Oh! que ousada opinião
Gritou logo um professor
Onde se viu um negro
letrado?
Onde se viu pardo doutor?
Venha ouvir seu delegado
Oh! que ousada opinião".

IV - Nos começos do
século, a Faculdade de

Medicina da Bahia
encontrava-se propícia a
receber e a chocar as teorias
racistas, pois deixara
paulatinamente de ser o
poderoso centro de estudos
médicos fundado por D.
João VI, fonte original do
saber científico no Brasil, a
primeira casa dos doutores
da matéria e da vida, fora
transformar-se em ninho de
sub-literatura, da mais
completa e acabada, da mais
retórica, balofa e acadêmica,
a mais retrógrada. Na grande
Escola desfraldaram-se então
as bandeiras do preconceito
e do ódio.





Elenco

Época Contemporânea

HUGO CARVANA	Fausto Pena
SÔNIA DIAS	Ana Mercedes
ANECY ROCHA	professora Eldelweis
WILSON JORGE MELLO	Dr. Zezinho (diretor do jornal)
GERALDO FREIRE	Gastão Simas (diretor da agência de publicidade)
LAURENCE R. WILSON	James D. Linvingston
SEVERINO DADÁ	Dadá, o montador

Época Antiga

JARDS MACALÉ	Pedro Archanjo (jovem)
JUAREZ PARAÍSO	Pedro Archanjo
NILDO PARENTE	prof. Nilo Argolo
WASHINGTON FERNANDES	delegado Pedrito Gordo
EMMANOEL CAVALCANTI	chefe de polícia Fernando Góes
NILDA SPENCER	condessa Zabela
JUREMA PENNA	tia Eufrásia
FERNANDA AMADO	Lu
ARILDO DEDA	prof. Fontes
GEOVÁ DE CARVALHO	Major Damião
ALVARO GUIMARÃES	Astério
JORGE AMORIM	Tadeu Canhoto
GILDÁSIO LEITE	prof. Fraga Neto
JOSÉ PASSOS NETO	prof. Silva Virajá
MANOEL BONFIM	Lídio Corró
MARIA ADÉLIA	D. Emília
JANETE RIBEIRO DA SILVA	Rosa de Oxalá e Iaba
ANA LÚCIA DOS SANTOS REIS	Dorotéia e Iaba
LIANA MARIA GRAFF	Kirsi
LUÍS DA MURIÇOCA	pai Procópio
GUIDO ARAÚJO	Prof. Calazans

Participações Especiais

JOFRE SOARES (Coronel Gomes)
MENININHA DO GANTOIS E SEU TERREIRO
MÃE RUINHÔ DE BOGUM
MIRINHA DO PORTÃO E SEU TERREIRO
TERREIRO DO OPÔ AFONJÁ
MESTRE PASTINHA
CARIBÉ
prof. CID TEIXEIRA
JENNER AUGUSTO
CALAZANS NETO
SANTI SCALDAFERRI
MIRABEAU SAMPAIO



Ficha Técnica

Produção	REGINA FILMES
Distribuição	EMBRAFILME
Adaptação e Diálogos	JORGE AMADO E NELSON PEREIRA DOS SANTOS
Roteiro	NELSON PEREIRA DOS SANTOS
Direção	NELSON PEREIRA DOS SANTOS
Direção de Fotografia	HÉLIO SILVA
Trilha Sonora	JARDS MACALÉ
Música Tema	GILBERTO GIL
Montagem	RAIMUNDO HIGINO E SEVERINO DADÁ
Cenografia	TIZUCA YAMASAKI
Figurino	YURIKA YAMASAKI
Diretor de Produção	ALBERTINO N. DA FONSECA — "TININHO"
Som direto/guia	JOSÉ OSWALDO DE ANDRADE — "TIMO"
Assistência de Direção	NONATO ESTRELA AGNALDO AZEVEDO — "SIRI"
Assistência de Fotografia	EMMANOEL CAVALCANTI SÉRGIO LINS VERTIS NONATO ESTRELA
Fotografia de Cena	RINO MARCONI
Continuidade	ANA MARIA MIRANDA
Maquiagem e Cabelo	ANTÔNIO DE SOUZA PACHECO
Assistência de Produção	CARLOS ALBERTO DINIZ FRANCISCO DRUMOND IVAN DE SOUZA
Produtor Executivo	NEY SANT'ANNA
Assistente de Cenografia	"NIL" E MARCO ANTÔNIO SOARES — "REBU"
Roupeira	MARIA LUÍSA REGIS E MARINA
Chefe Eletricista	ULISSES ALVES MOURA
Eletricistas	ARNOLD DA CONCEIÇÃO SANDOVAL TEIXEIRA DÓREA
Maquinistas	GERALDO FERREIRA TOLENTINO EDSON SANTOS DA CRUZ — "1001"
Administração Geral	SERGIPINHO
Secretário de Produção	LUÍS FERNANDO NOEL DE SOUZA
Motoristas	JOSÉ TEIXEIRA DE CARVALHO CABOCLINHO E BRANCO



Filmografia

Nelson Pereira dos Santos nasceu na capital paulista. Advogado por estudo universitário, jornalista por profissão e, finalmente, cineasta por vocação e opção. 1950 é a data de seu primeiro contato com o instrumento fílmico:

"Juventude", um documentário em 16 mm. Em seguida exercitou-se como assistente de direção em vários filmes. Primeiro longametragem: "Rio, 40 Graus" (1954-1955), que para muitos é o marco inicial do Cinema Novo.

Curtas - metragens:

1950 — "Juventude" (em 16mm) - direção
1950 - "Atividades Políticas em São Paulo" - direção
1958 - "Soldados de Fogo" - direção (Produção do Corpo de Bombeiros de São Paulo)
1962 - "Ballet no Brasil" - direção e roteiro
1963 - "Um moço de 74 anos" - direção e roteiro
1965 - "Rio de Machado de Assis" - direção e roteiro
1968 - "Abastecimento, Nova Política" - direção e roteiro

Assistente de direção:

1951 - "O Saci" - direção de Rodolfo Nanni
1953 - "Agulha no Palheiro" - direção de Alex Vianny
1953 - "Balança, Mas não Cai" - direção de Paulo Wanderley

Montador:

1959 - "A Barragem de Três Marias" - direção de I. Rosenberg
1961 - "Barravento" - direção de Glauber Rocha

1962 - "O Menino da Calça Branca" - direção de Sérgio Ricardo
1962 - "Pedreira de São Diogo" (episódio de "Cinco Vezes Favela") - direção de Leon Hirszman
1964 - "Maioria Absoluta" - direção de Leon Hirszman
1965 - "A Força de Furnas" - direção de Jean Manzon
1968 - "Cantores e Trovadores" - direção de Evandro de Almeida Mauro

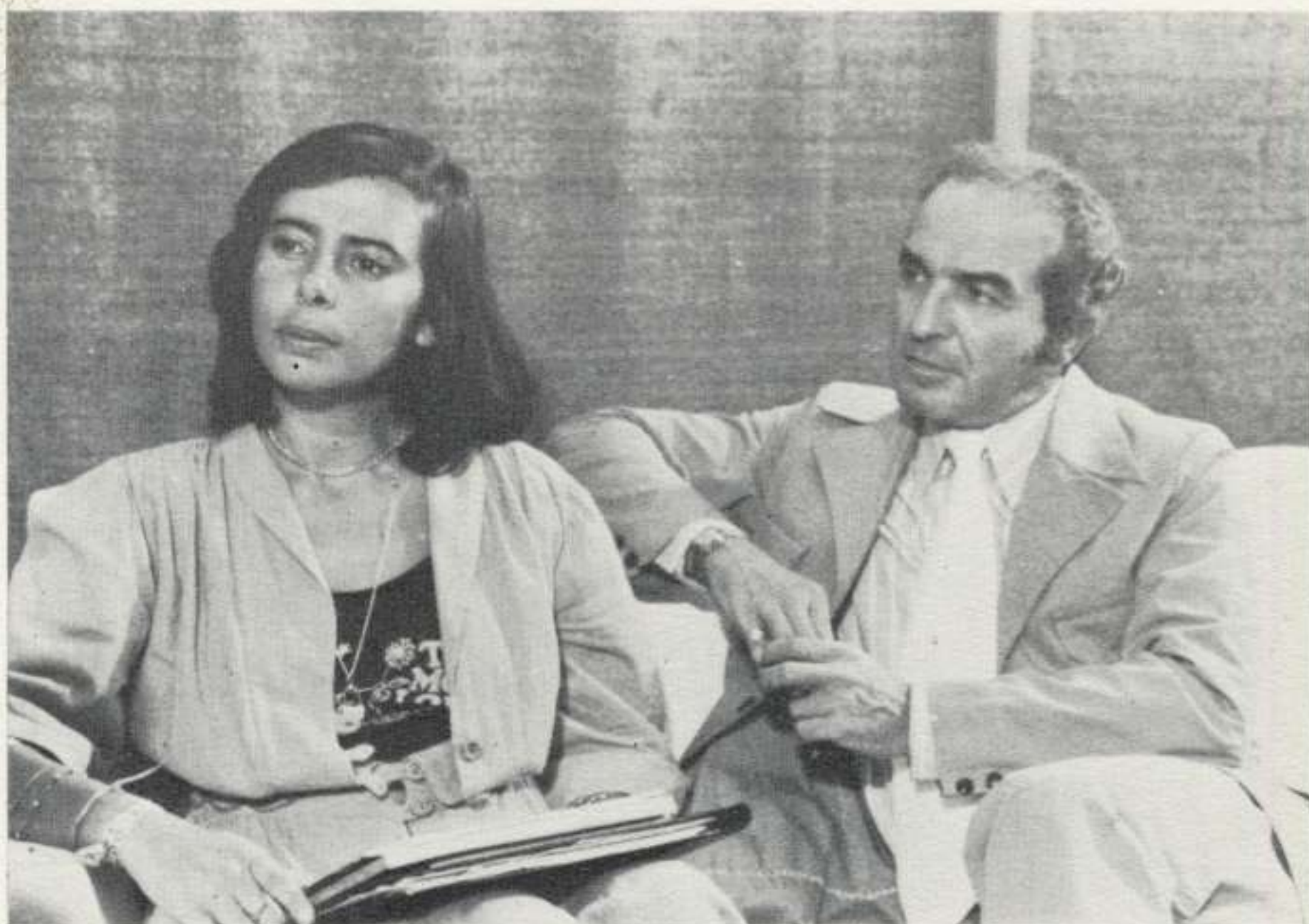
Produtor, ator:

1958 - "O Grande Momento" - direção de Roberto Santos — Produtor
1966 - "A Opinião Pública" - direção de Arnaldo Jabor - Produtor com Arnaldo Jabor e Jorge da Cunha Lima
1968 - "Jardim de Guerra" - direção de Neville D'Almeida - ator
1975 - "As Aventuras Amorosas de Um Padeiro" - direção de Waldir Onofre — Produtor
1977 — "A Dama do Lotação" - direção de Neville D'Almeida — Produtor

Diretor:

1955 - "Rio, 40 Graus" - direção e roteiro — Premiado em Karlovy Vary
1957 - "Rio, Zona Norte" - direção, argumento e roteiro

1961 - "Mandacaru Vermelho" - direção, argumento e roteiro - Ator
1962 - "Boca de Ouro" (baseado na peça de Nelson Rodrigues) - direção e roteiro
1963 - "Vidas Secas" (baseado na novela de Graciliano Ramos) - direção e roteiro - Premiado no Festival de Cannes. "Melhor Filme para Juventude", Prêmios dos Cinemas de Arte e Ensaio e Prêmio do OCIC (Office Catholique International du Cinema)
1967 - "El Justicero" (baseado na novela de João Bithencourt) - direção e roteiro
1968 - "Fome de Amor" (baseado na novela de Guilherme de Figueiredo) - direção e roteiro com Luis Carlos Ripper
1970 - "Azylo Muito Louco" (baseado no conto "O Alienista de Machado de Assis") - direção e roteiro
1971 - "Como era Gostoso o Meu Francês" - direção e roteiro
1972 - "Quem é Beta?" - direção e roteiro
1974 - "O Amuleto de Ogum" - direção, roteiro e adaptação do argumento original de Francisco dos Santos
1977 - "Tenda dos Milagres" - adaptação do romance de Jorge Amado - direção e roteiro; Diálogos com Jorge Amado





Porque "Tenda dos Milagres"

O livro de Jorge Amado é um grande depoimento sobre a cultura brasileira. A história se passa na Bahia, mas ao tratar da questão da formação da sociedade baiana, trata da realidade de todo o país. Uma sociedade gerada pelo povo em termos culturais, étnicos e que será a sociedade dominante. Na verdade, essa sociedade já é dominante, mesmo sem ter força econômica, jurídica. É o poder do futuro. A história de Pedro Archanjo é uma síntese disso.

A obra de Jorge abre um panorama humano, original, com uma linguagem generosa, favorável a seus personagens. A grandeza do comportamento brasileiro. Isso vem ao encontro do que pretendo: um cinema ligado ao povo, que libere o povo brasileiro no sentido de apurar o seu comportamento não dependente de um modelo prescrito por uma outra sociedade. O povo como modelo dele mesmo — é o segredo de Jorge, é o que o cinema brasileiro precisa encontrar.

A parte do livro que se passava em 67/69 foi adaptada para 1975. As discussões, por exemplo, são as de agora. Os temas de 69 estão ultrapassados porque há uma mudança na visão política, uma expectativa ante a realidade, uma necessidade básica de reformular o conceito de cultura brasileira. As

discussões giram em torno disso. No tempo do livro, as discussões eram dependentes de conceitos já formulados, de respostas já prontas. Hoje estamos aprendendo com a própria realidade, abandonando receitas e bulas de comportamentos.

No plano do passado, a síntese do personagem do povo que emerge da cultura baiana, do universo africano — onde se situa o candomblé — está em confronto com a classe dos senhores da terra que produziam uma teoria de



sub-estimação do ex-escravo. Tenda dos Milagres situa o negro a partir daí: quando ele deixou de ser objeto de propriedade e o modelo ainda era o da sociedade branca, européia.

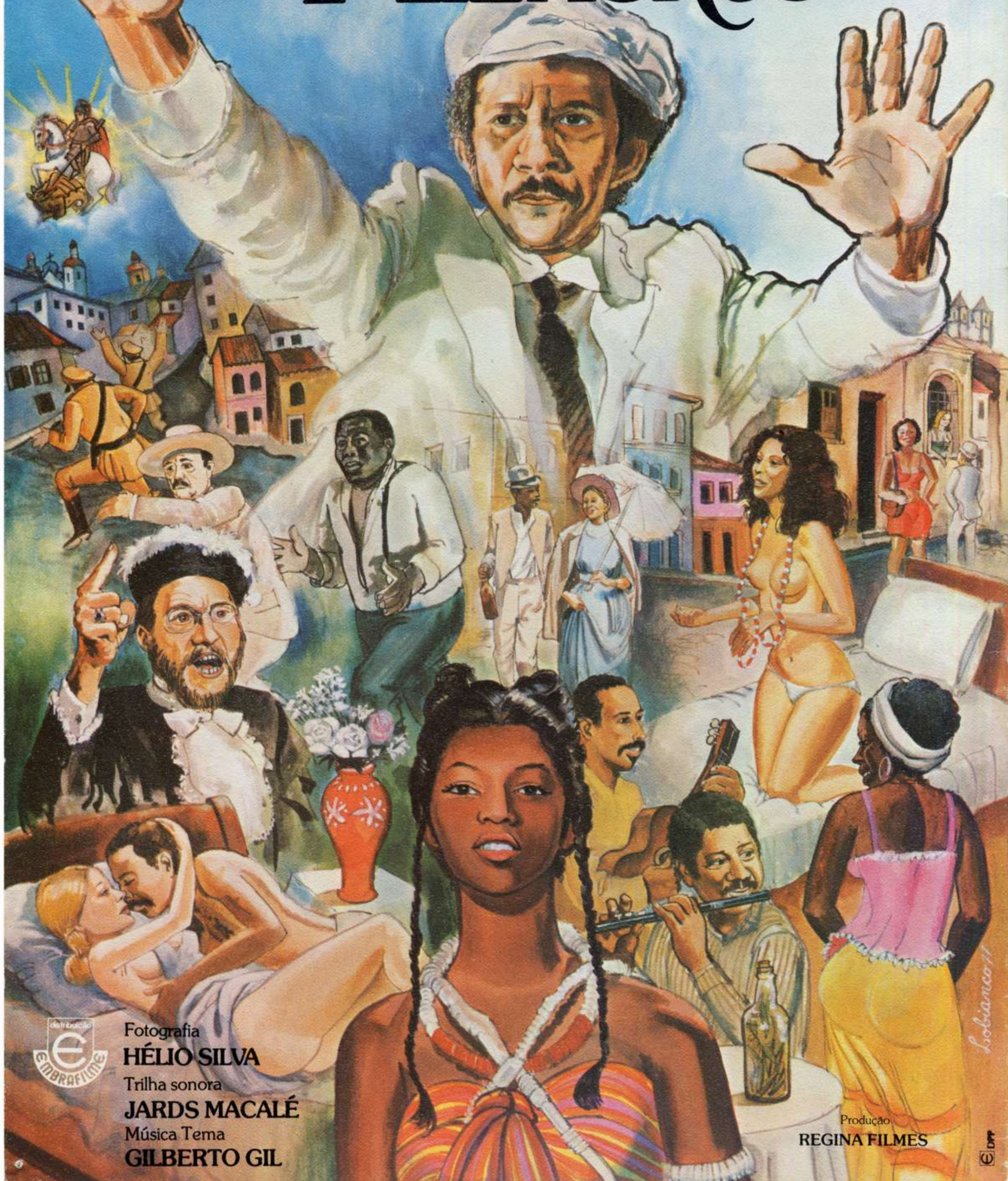
Nélson Pereira dos Santos



UM FILME DE NELSON PEREIRA DOS SANTOS

DO ROMANCE
DE
JORGE AMADO

TENDA DOS MilAGRES



Fotografia
HÉLIO SILVA

Trilha sonora

JARDS MACALÉ

Música Tema

GILBERTO GIL

Produção
REGINA FILMES

